

A construção do discurso de liberdade a partir dos elementos emblemáticos mossoroense: Reflexões sobre a seleção e apropriação do patrimônio material e imaterial abolicionista

Antônia Edneuma dos Santos

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

Abordar os espaços das cidades como sendo um repositório do passado humano, significa entendê-los como uma construção subjetiva. Na medida em que são questionados em um tempo presente, esses nos informam e nos revelam através do seu patrimônio material e imaterial, as intenções e aspirações dos sujeitos em um determinado contexto histórico. Nesse viés, é por nos revelar saberes e indagações que, os espaços mossoroenses e seus elementos construídos e difundidos, para marcar e rememorar o discurso de liberdade referente à abolição torna-se nesse trabalho um objeto de estudo. Um dos desafios desta pesquisa é construir uma reflexão a partir do confronto de fontes históricas e das discussões historiográficas acerca da apropriação e seleção de alguns elementos simbólicos contidos no espaço da cidade como: o Monumento da Liberdade, o Pantheon dos Abolicionistas, as ruas, as praças, as comemorações cívicas e eventos que foram sendo construídos ao longo do tempo para eternizar o fato e seus personagens e relegar ao silêncio a participação de outros sujeitos no imaginário da comunidade. Destarte percebemos que os mais interessados em materializar as narrativas sobre a abolição no espaço de Mossoró, devem ser atribuídos às ações estratégicas do poder público local, que visa perpetuar através de uma política cultural as tradições em relação ao fato. Em consonância, a comunidade mossoroense também se apropria das referências abolicionistas para construir suas identidades em relação ao local, formando assim seus heróis e mitos.

Palavras Chave: Apropriação; Patrimônio; Identidade.

INTRODUÇÃO

Os espaços das cidades podem ser pensados, como lugares que refletem uma dimensão subjetiva ligada às experiências e práticas produzidas ao longo do tempo pelos sujeitos. Neles encontramos uma herança histórica que se dividem em patrimônio material e imaterial, como: as imagens, as alegorias, as manifestações e rituais entre outros. Essa herança em um tempo presente torna-se apropriada e selecionada pelo poder público de uma determinada comunidade.

O propósito dos desígnios públicos em apropriar-se dos espaços e seus instrumentos históricos se associa ao empenho de criar para as futuras gerações, uma identidade, um passado que possa no presente ser recontado e rememorado, e que:

[...] esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e

selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar as identidades de uma comunidade. (CHOAY, 2006, p. 18)

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como foco principal, fazer uma discussão acerca da apropriação e seleção de alguns instrumentos simbólicos, contidos no espaço urbano da cidade de Mossoró, edificados para marcar na memória local um discurso sobre o fato da abolição. Dentre as formas de preservação que podem ser associadas ao evento, serão objetos de estudos o Monumento da Liberdade, o Phanteon dos Abolicionistas, os símbolos como: o brasão da cidade, placas que homenageiam os abolicionistas, as ruas, praças e bairros que foram nomeadas de forma emblemáticas com referências ao fato, bem como os eventos e manifestações que contribuem para formar a imagem de cidade libertária até os dias de hoje.

Apoiamo-nos para a elaboração desse estudo, nas produções historiográficas que trabalham mais especificamente os conceitos sobre os espaços e seus monumentos dentre esses: Jacques Le Goff, Michel de Certeau, Georges Balandier e Françoise Choay. Todos eles ofereceram subsídios significativos para a compreensão da apropriação e seleção dos espaços abolicionistas e seus elementos simbólicos.

Através dessas referências tentamos responder algumas indagações relacionadas ao patrimônio material e imaterial abolicionista de Mossoró. As mais pertinentes foram as seguintes: Qual o principal interesse do poder público em construir ao longo do tempo referências emblemáticas sobre o fato? Que discurso se quer transmitir com a edificação e propagação das referências materiais e imateriais? Como a comunidade incorpora esses elementos em seu imaginário? Há instrumentos que represente a participação dos cativos no evento?

Na tentativa de responder a essas indagações nos apoiamos também em narrativas historiográficas locais, como às de Câmara Cascudo e Raimundo Nonato, clássicos que abordaram o fato da abolição, a partir de um discurso oficial. Além desses, uma nova abordagem dessa temática foi trabalhada nesta pesquisa, citamos aqui a obra de Emanuel Pereira Braz *Abolição da*

Escravidão em Mossoró: Pioneirismo ou Manipulação do Fato (1999) que trás em seus estudos narrativa mais atual sobre este evento.

Com isso, nos detemos em refletir sobre o patrimônio material e imaterial abolicionista que ganham significados e valores dentro da comunidade, a partir das ações que o poder público promove para exaltar o fato. Percebemos que esse mesmo, há décadas tem buscado conservar um discurso na cidade sobre a abolição, pautado nos valores de pioneirismo, resistência e bravura. As primeiras ações resultaram na construção das referências simbólicas da abolição como: o monumento do Pantheon dos Abolicionistas e a Estátua da Liberdade, além desses as ruas, praças e logradouros públicos e os eventos espetaculares como o Auto da Liberdade e os desfiles públicos.

Os interesses em edificar os instrumentos emblemáticos da abolição foram revelados a partir da discussão historiográfica do autor José Murilo de Carvalho junto às fontes históricas: o periódico *O Mossoroense* de 1904 a 1907, o *Boletim Bibliográfico* de 1951 e o decreto 346/83 de 1963. Essa documentação dispõe sobre a criação de alguns instrumentos simbólicos da abolição e como as forças locais se apropriaram e selecionaram o que deveria ser rememorado.

A partir dessas fontes tratamos de analisar como os instrumentos materiais e imateriais edificados e difundidos para a rememoração do fato, são apropriados pela própria comunidade como forma de reativar as tradições, construir as identidades em relação ao local, e preservar a história abolicionista. Apreendemos com isso, que os sinais contidos nos espaços mossoroenses transmitem mensagens sobre o passado da comunidade, pois os elementos históricos da abolição representam a memória dos personagens e grupos elitistas, enquanto que as experiências e vivências dos escravos que fizeram parte do processo, não foram e nem são preservadas dentro espaço da cidade e nem nos discursos sobre a abolição.

Um dos caminhos a ser trilhado neste trabalho foi à compreensão da apropriação e seleção dos monumentos e espaços abolicionistas, tanto pela comunidade, quanto pelo poder público, isso nos levou a pensar que o discurso de vitória sobre o fato da abolição, é transmitido e sobrevive no imaginário desta comunidade também pelas diversas referências contidas dentro do

espaço urbano excluindo e construindo memórias sobre o passado, daí a contribuição deste trabalho para historiografia local.

1. Formas e Ações de perpetuar o fato abolicionista

O evento da abolição em Mossoró é um dos acontecimentos considerado pela sociedade mossoroense, como sendo um fato fabuloso que faz parte da consciência de cada habitante. Para os mossoroenses é motivo de orgulho pertencer à cidade libertária, pioneira e heroica que deu exemplo de solidariedade e destreza em âmbito local, regional e até nacional. A aceitação da imagem do fato realizado de forma heroica por parte da população está revestida pela construção ideológica de narrativas locais, que ao longo do tempo tentam justificar a participação desta comunidade e, principalmente, de personagens e instituições que ganharam renome dentro do movimento da abolição.

Frente a isso se constata que há uma construção e manipulação das informações referente ao fato, através da criação de um discurso que funciona como verdade. Tal discurso passa a ser dominado pelos grupos políticos locais que buscaram e buscam definir um sistema de ideias e visões históricas sobre a abolição em Mossoró como uma forma de controlar a história local e difundir ideologias. A ideologia nesta perspectiva é sem dúvida uma maneira de impor poderes e criar condutas assim como construir e justificar modelos de organizações de uma comunidade. Essa mesma pode ser aceita como um “instrumento clássico de legitimação de regimes políticos no mundo moderno é, naturalmente, a ideologia, a justificativa racional da organização do poder” (CARVALHO, 1990, p. 9).

A partir desta análise que Carvalho nos propõe acima sobre a ideologia, é admissível afirmar que essa foi o instrumento de justificação e construção do fato no imaginário da comunidade, a construção de um discurso pautado a partir dos interesses de grupos políticos e intelectuais, que desde após a concretização do evento, procuram estabelecer e perpetuar na memória das pessoas o slogan de cidade libertadora nos levar a perceber que existe uma manipulação das narrativas em benefícios de uma tradição histórica que, acaba

cultuando heróis mitificados, mitos e crenças sobre um passado selecionado e valorizado.

A partir das narrativas locais que formaram ideias grandiosas sobre a abolição em Mossoró, o fato transpôs o tempo e se afirmou como um dos acontecimentos mais importantes para a comunidade. Mossoró é aceita como uma cidade libertária, onde seus heróis lutaram de forma corajosa por uma causa social e justa, esse é o discurso que até os dias atuais alimenta o imaginário social dessa cidade. Os respaldos ideológicos sobre esse fato é algo que perpetua sentimentos cívicos que são transmitidos sobre o controle e interesse públicos no imaginário dos habitantes.

Além dos discursos, as justificativas sobre a abolição dos escravos em Mossoró, também pode ser vista sobre outras formas mais concretas que apresentam leituras significativas sobre o evento no cotidiano e vivências das pessoas. Desde a consolidação da abolição no ano de 1883, o poder público mossoroense, busca legitimar através de construções, símbolos, nomeação de espaços e eventos como peças teatrais, a preservação das referências do fato na memória dos habitantes, como sendo um sinal, um registro do passado. As formas criadas pelo poder público receberam referências como a data, o mês e o ano do acontecimento abolicionista, assim como o nome das figuras que ganharam destaque no movimento, essas construções e criações fazem parte de uma política local que busca preservar as comemorações abolicionistas no esforço de perpetuar na memória uma valorização do fato:

As comemorações do 30 de Setembro em Mossoró, tem envolvido a cada ano, esforço os mais variados, desde investimentos que o poder local faz, como o apoio individual e coletivo que tem conquistado no sentido de ampliar cada vez mais a realização desta festividade. O resultado desses esforços é uma comemoração que desperta a atenção não somente da comunidade local mas que tem seus reflexos no âmbito regional e estadual. (BRAZ, 1999.p 92)

Para receber a salvaguarda da abolição, o espaço da cidade tornou-se o cenário particular para a reconstrução do evento, nele podemos encontrar os vestígios concretos das experiências efetuadas pelas ações dos grupos políticos dominantes e cultuadas pela população, assim além das ideologias disseminadas pelos discursos locais, a abolição também pode ser pensada

através das referências construídas de formas intencionais para dar continuidade as ideias de pioneirismo, como os monumentos, os símbolos, as ruas, praças e bairros nomeados de forma emblemática para referenciar e recriar respaldos significantes na memória local sobre o fato, além também das manifestações lúdicas como peças e desfiles.

Tornou-se tradição o desfile cívico militar durante as comemorações do aniversário da proclamação da abolição em Mossoró. O desfile aqui não perde o seu caráter patriótico, e ganha, acima de tudo, pelas alegorias que são apresentadas, o valor próprio da comemoração abolicionista [...] (BRAZ, 1999, p. 93)

Nessas condições, os esforços para manter a história da abolição em Mossoró, na mente das pessoas rompe o discursivo, o estabelecimento de sinais dentro do espaço da cidade se deu sobre as reivindicações de decretos e leis públicas, dentre esses podemos citar aqui o decreto nº 346/83 que levou a construção do Pantheon dos Abolicionistas durante a gestão de Jerônimo Dix-huit Rosado Maia, outro ato foi a Sessão Solene de 30 de Setembro de 1904 que determinou a construção de um dos elementos visuais que marca a abolição na cidade, o Monumento da Liberdade.

Uma das primeiras ações das forças locais pode ser vista na construção desse monumento já citado, denominado de Estátua da Liberdade criado para representar e solidificar de forma simbólica a história da abolição no imaginário mossoroense. Localizado na Praça da Redenção, essa por ser um dos espaços públicos que recebeu as primeiras manifestações abolicionistas na cidade, constitui um dos objetos de pesquisa desse estudo, que será abordada logo mais.

O Monumento da Liberdade erguido e inaugurado no dia 30 de Setembro de 1904, pode ser especificado como um instrumento, um suporte material que norteia uma história e desperta naqueles que o olham um passado glorioso de Mossoró e dos seus antepassados. Criado pela iniciativa da Comissão de Socorros Pública ¹ e com o envolvimento do presidente Antônio

¹ Este órgão foi criado em 1877, presidida por Manoel Hemetério Raposo de Melo, durante o governo de Augusto Lyra, o objetivo dessa comissão era promover a construção de obras públicas como estradas, açudes, prédios públicos, através da mão-de-obra dos flagelados atingidos pelas secas que se sucedeu em vários períodos da história mossoroense.

Filgueira Filho e do promotor público que atuou na comarca de Mossoró de 1903 a 1907, o Monumento da Liberdade foi construído pelo pedreiro Francisco Paulino da Silva e inaugurado através da envoltura dos seguimentos políticos e de outras instâncias sociais, como bem se ver na sessão solene de sua inauguração.

[...] os membros da Intendência Municipal, com assistência das primeiras autoridades da comarca e representantes da imprensa, do clero, das letras, comercio, indústrias e artes e grande multidão de povo, foi pelo Dr. Sebastião Fernandes membro representante de socorro publico desta cidade, entregue à Intendência Municipal o monumento comemorativo da libertação de todos os cativos, deste Município [...] ²

O Monumento da Liberdade foi inaugurado para representar e consolidar no imaginário popular, o fato de que Mossoró foi, à primeira cidade do estado a libertar os seus escravos antes da Lei Áurea, ele representa simbolicamente esse discurso.

Foi erguida em comemoração da aura data de 30 de Setembro de 1883, dia da emancipação total dos escravos de Mossoró, que, por ter sido o primeiro município livre deste estado merece a determinação de Acarape do Rio Grande do Norte, tomamos igualmente a vanguarda do movimento emancipado.³

Com isso, podemos afirmar que o imaginário de uma comunidade pode ser construído a partir de discursos narrados, bem como sobre o patrimônio material e imaterial. Esses oferecem através de sua imagem, ideias e interesses sobre um passado, que é montado para dar versão a uma história que muitas das vezes está ligada ao nascimento de um regime e interesses sociais que buscam definir no imaginário as identidades coletivas e determinar até o comportamento das pessoas, como explica o autor:

² A inauguração do monumento é descrita na Ata de 30 de Setembro de 1904, a mesma esta contida no Boletim Bibliográfico de 1951-Ano III, número 36, na Fundação Vingt-um Rosado.

³ Jornal o Mossoroense de 1904, Ano III. Nº 56.

É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. (CARVALHO, 1990, p.10)

É cabível, quando nos deparamos com uma construção do passado, essa nos envolver por ser uma representação de um tempo antigo, de uma história significativa ou até mesmo por ser elemento de embelezamento de um espaço, mas junto a isso os instrumentos do passado nos oferecem a oportunidade de enxergar através de suas representações e simbologias, as intenções dos sujeitos e dos grupos em construí-los dentro de um contexto social. Nesse âmbito, o Monumento que representa a libertação dos escravos em Mossoró está ligado às intenções de uma elite local, que há mais de um século tenta manter a chama de liberdade na memória das pessoas e estabelecer respaldo de uma imagem da cidade em nível local e regional.

A edificação do Monumento da Liberdade assim como de outros elementos demonstrativos como praças, prédios, nomes de ruas e instrumentos simbólicos que estão inseridos no espaço urbano mossoroense, não se dá de forma aleatória, e sim, planejada com a intenção de marcar e representar no imaginário social um discurso mitificado a partir dos ideais de liberdade e pioneirismo do povo mossoroense.

Junto á edificação do monumento representativo da liberdade, edificado como um documento visual significativo para dar menção ao fato abolicionista, outro monumento pode ser indicado como uma ação ousada do poder público, o Pantheon dos abolicionistas (localizado dentro do Museu Lauro da Escóssia no centro da cidade), foi criado no dia 30 de Setembro de 1983 no exercício do governo de Jerônimo Dix-huit Rosado Maia, para guardar simbolicamente os restos mortais dos personagens que são até os dias atuais considerados como verdadeiros heróis dentro do movimento de 1883, que resultou na libertação dos escravos deste município.

O Pantheon se configura como um instrumento simbólico que funciona para manter o saudosismo aos antepassados na mente das pessoas que, ao ter um contato exterior com os espaços e instrumentos referentes à abolição, podem principalmente revigorar internamente o culto as figuras abolicionistas,

vendo esses como verdadeiros heróis que lutaram com resistência por uma causa justa. A incorporação do Pantheon como um símbolo abolicionista na comunidade contribui para a manutenção de narrativas e imagens construídas ao longo dos tempos sobre as ações e atitudes dos abolicionistas, como bem se percebe no decreto de 1983 nos artigos 1 e 2 , que dispõem da criação desse monumento:

Art. 1º- fica criado o “pantheon dos Abolicionistas”, que guardará os restos mortais dos libertadores de 1883.

Art. 2º- O “Pantheon” ficará localizado na parte térrea do Centro Histórico Cultural Manoel Hemetério, edifício do antigo Paço Municipal, onde se realizou a sessão histórica da libertação dos escravos no Município de Mossoró, a 30 de Setembro do ano de 1883.⁴

Eternizar as ações dos abolicionistas no imaginário da população é uma das propostas explícita para construção desse monumento, traçar o heroísmo dos antepassados da comunidade, tornar-se fundamental para dar sentido à história local. Com isso às forças políticas que detém o poder mossoroense, neste momento cabe aqui enfatizamos a ações da Família Rosado que, desde a década de quarenta, tenta justificar o fato para a comunidade, através de diversas formas, buscam ampliar as tradições e comemorações sobre a abolição. Além do Pantheon, as ações para glorificar a participação dos abolicionistas se deram também na demarcação do espaço onde esses residiram. Em alguns pontos da cidade, podemos ver placas que contém referências os acontecimentos passados, as mesmas transmitem uma mensagem pautada em um discurso saudosista das figuras heroicas que ganharam destaque com os acontecimentos.

Em uma das placas observadas que se encontra na Rua Almino Afonso no Centro da cidade, se refere à figura de Francisco Romão Filgueira, abolicionista que segundo as narrativas locais participou do desencadeamento do fato, a mesma traz a seguinte mensagem “[...] em nome do Povo e do Governo do Município de Mossoró, homenageia, na pessoa de Francisco

⁴ Mossoró, 30 de Setembro de 1963. Decreto Nº 346/83, “dispõem da criação do Pantheon dos Abolicionistas” e da outra providencias.

Romão Filgueira, A criação Geração gloriosa de 1883. Esta Casa Foi Vivência de Abolicionistas. Mossoró, 30 de Setembro de 1953.” As placas para homenagear os abolicionistas podem e devem ser observadas como um dos resultados dos esforços do poder local em impor determinadas imagens das figuras consideradas heróis para a comunidade mossoroense.

Além dos elementos já citados, o Brasão das Armas do Município de Mossoró pode ser considerado outra referência emblemática, foi criado em 1913 sobre a Lei nº 30 de 13 de Setembro do mesmo ano, pode ser contado como um dos elementos que traz em sua representação visual um grande número de referências sobre o fato. A data da abolição é algo que está bem visível neste símbolo, além disso, as figuras que o completam como o sal, o sol e a carnaúba, criam uma imagem de cidade próspera para o desenvolvimento econômico, assim a ideia de glória se junta a de cidade futura, isso fica claro na seguinte passagem do periódico O Mossoroense ao apresentar a criação do Brasão da cidade:

Se feliz é a idéia, que elaborou a criação do brasão alludido, felicíssima é a combinação dos dizeres emblemáticos, que o illustrão. De facto, em sua linguagem eloqüente e expressiva elle nos diz: O mesmo sal radioso que illuminou a mais bella conquista da liberdade da terra potyguar, vivifica com seu calor os dois grandes elementos de vida com que a natureza nos dotou.⁵

E inegável que este símbolo criado sobre os interesses públicos se constitui como uma das tentativas de promover a história do município no imaginário da comunidade, a finalidade com as criações desses símbolos é atingir os sentimentos, as crenças, recriar as tradições. A sensação de pertencer à cidade libertária é construída sobre os valores atribuídos a cada elemento material edificado para marcar o passado, pois os símbolos, os monumentos, as alegorias são forma de saberes que guardam uma mensagem de um contexto da história de um povo, de uma sociedade.

O Brasão das Armas é uma referência que ativa intimamente através de seus códigos visuais na memória da comunidade a história da abolição

⁵ Jornal o Mossoroense de 1906 a 1907, Ano VII.

mossoroense, pois é através da memória que se pode ter a compreensão e apreensão dos valores apresentado por cada instrumento simbólico erguido nos espaços e lugares sociais. A memória também seleciona as lembranças passadas, por isso sua manutenção através de instrumentos materiais é algo fundamental, pois essa cria as identidades, os sentimentos de pertença comum para todos.

Outras formas simbólicas de marcar o fato são as praças e ruas na cidade, ao percorrermos a cidade de Mossoró, nos deparamos com várias ruas e praças nomeadas em homenagem a abolição, nesse cenário algumas ganham maior destaque por ter sido local das primeiras manifestações abolicionistas, uma delas é a Rua Trinta de Setembro, essa rua tem grande significado simbólico e histórico para a comunidade, a mesma foi o espaço onde o movimento abolicionista se desencadeou e por muito tempo a Rua Trinta de Setembro recebeu as comemorações realizadas pelas iniciativas do local, a mesma marca o espaço da tradição, nesse sentido Raimundo Nonato especifica esta rua da seguinte maneira:

Rua história, cujo nome está ligado ao maior acontecimento da cidade, que foi a abolição da escravidão, feita a trinta de Setembro de 1883. Sua tradição assinala, assim, a vitória de uma grande causa. É, por isso, uma rua simbólica, que lembra a vibração da gente de Mossoró, num dos grandes instantes da sua história (1973, p. 55)

Outra rua emblemática é a Rua Almino Afonso, antiga Rua dos Libertos, em homenagem a figura do abolicionista de Almino Alves Afonso. Essa rua sofreu a modificação dos nomes para destacar a participação do mesmo no evento, além dessa existem outras ruas que dão menção as figuras consideradas heróis na comunidade, podemos citar Rua Almeida Castro, Rua Antonio Gomes, Rua José Nogueira entre outras que se referem às figuras abolicionistas que estão espalhadas marcando a história do município.

Com relação às praças essas ao longo do tempo têm sido nomeadas através dos interesses locais, suas construções no espaço da cidade ganharam, assim como as ruas, significados para marcar os sentimentos cívicos sobre o fato. A Praça da Redenção, antiga Rua dos Libertos e hoje mais conhecida como Praça Trinta de Setembro é um dos logradouros que tem

mais sentido históricos e referenciais sobre a abolição, é nessa praça que encontramos os vestígios concretos que representa as vivências e ações que fazem parte da história local, foi nesta praça que as manifestações de 1883 ocorreram fervorosamente, neste ambiente que os discursos foram proferidos e as ações realizadas. O destaque a esse espaço pode ser visto da seguinte forma:

Ainda, para maior destaque desse altivo feito de nossos maiores já quase noventa anos passados, foi dado a um dos nossos largos o sugestivo nome de PRAÇA DA REDENÇÃO, em cujo centro, alguns anos depois, fora erguida, sobre elevado pedestal de cimento, a “Estátua da Liberdade”, símbolo sagrado de uma idéia espartana, altamente humana, representativa da alma de um povo nobre, forte e abnegado. (idem, p.141)

As praças e ruas são espaços sociais praticados, moldados pelas ações dos indivíduos, nelas iremos encontrar as identificações, os vestígios de um tempo, as mesmas podem ser no futuro, preservadas, ou até mesmo abandonadas, tudo vai depender dos valores históricos que lhe são atribuídos estrategicamente. Os mais interessados em manter e ampliar a renovação das tradições abolicionistas, a partir da materialização do fato no espaço da cidade, são grupos políticos como os Rosados que desde a década de cinquenta age no espaço mossoroense com interesses de manter tradições e crenças sobre o fato.

Além dos Rosados não podemos deixar de ressaltar que outros seguimentos também procuram até os dias atuais construir referências para renovar as tradições da abolição e promover o seu destaque nas comemorações. Salientamos as ações a Maçonaria, instituição que ganhou destaque por ser pioneira no movimento de 1883 que desencadeou a na libertação dos escravos deste município. Essa instituição buscou junto ao poder executivo do município ampliar as comemorações e construções emblemáticas sobre o fato, ganhando dessa forma prestígio como sendo verdadeiros guardiões da memória coletiva.

Nesse âmbito, o fato da abolição em Mossoró foi justificado não apenas sobre respaldos ideológicos, mas o uso de instrumentos e aspectos mais duradouros é algo que contribuiu para dar menção ao fato ao longo do tempo.

Abolição ganha significados mitificados através dos elementos construídos no espaço da cidade, esses são criados de forma estratégica para construir identidades históricas, referenciar e excluir ações e personagens, isso nos leva a refletir que os grupos locais se mostraram conscientes do uso de determinados símbolos e monumentos, para a construção de uma história saudosista. Em relação à construção e manipulação da história Marc Ferro nos confirma que:

Ligado igualmente à transmissão do poder político, o conteúdo da História é “remodelado de conformidade com os interesses do poder” e assim a História é ministrada segundo uma versão expurgada. “Não é fácil falar da vida e da atuação dos antepassados como não é nomeá-los. Suas qualidades e grandes feitos podem ser divulgados. Mas os seus reverses e fraquezas são silenciados: as guerras são sempre vitoriosas, e os soberanos exemplares” De maneira semelhante geral, “o passado é um modelo do qual o presente não passa de mero prolongamento” (1938, p. 38)

Por conseguinte, o interesse sobre a criação dos elementos emblemáticos referentes à Abolição em Mossoró, se dar porque os mesmos são instrumentos que conservam no tempo, estão nos espaços criando no imaginário, as identificações, às identidades, portanto esses são uma roupagem, pois em suas origens há sempre um empenho de perpetuar e criar no tempo presente um passado selecionado e apropriado.

2. Memória, identidade e Abolição

No tópico anterior nos detivemos em refletir sobre as ações que levaram a edificações de alguns elementos emblemáticos no espaço urbano da cidade de Mossoró, como forma de recontar e eternizar a imagem de liberdade e pioneirismo sobre o acontecimento da abolição. Isso nos permitiu enxergar que, as criações materiais e imateriais que marcam a abolição dos escravos em Mossoró são instrumentos forjados que apresentam ideias e valores sobre o fato, ou seja, não há ingenuidade, nem neutralidade na edificação dos elementos abolicionistas, e sim, uma escolha cuidadosa, uma apropriação e seleção do poder local dominante.

De forma Ampla Soares ao citar Lemos, nos confirma o interesse do poder público em preservar e restaurar as referencias sobre um passado.

[...] quase sempre, tem seu prestígio herdado, por isso gosta de preservar e recuperar os testemunhos materiais de seus antepassados numa demonstração algo romântica e saudosista, constituindo tudo isso manifestada de afirmação elitista. Vive-se do passado das glórias de outros tempos (LEMOS Apud SOARES, p.166).

Nesse momento, cabe aqui analisarmos a importância que os sinais da abolição edificados ao longo de décadas, exercem para a manutenção da história abolicionista, para a apropriação da memória⁶ e construção da identidade do povo mossoroense. Este ponto nos permitiu salientar que, os monumentos, os símbolos e alegorias referentes à abolição são instrumentos representativos e podem ser aceitos como registros que conservam e reativam na memória da comunidade as informações sobre o fato da abolição.

Por permitir a rememoração do passado esses são apropriados pelas ações de grupos políticos e instituições que passam a cultivar uma história dos vencedores. Tanto no presente quanto no passado, as várias instâncias públicas executaram a seleção das manifestações sobre o fato na tentativa de não somente vangloriar e enaltecer o papel da cidade e de homens públicos, mas, sobretudo, de conservar na memória local as tradições em prol de criar as identidades a partir do passado. Esse passado que se quer perpetuar através das referencias emblemáticas não é qualquer passado, mas sim um passado “localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode de certa forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade [...]” (CHOAY, 2006, p. 18)

Apesar de serem elementos condicionados, em detrimento dos interesses do poder local que ao longo do tempo procura sedimentar e

⁶ Pensamos a memória neste trabalho a partir da edificação que o historiador Jacques Le Goff, nos propõe quando afirma que “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças ao qual o homem pode atualizar impressões ou informações passadas” [...] (Le Goff, Jacques. História e Memória. UNICAMP, 5ª Ed, p. 419. Campinas, (2006).

promover valores associado ao fato, as referências à abolição possuem um valor significativo dentro da comunidade, elas permitem que a mesma, organize e preserve no seu imaginário valores históricos memoriais e identitários em relação ao passado. Admitimos com isso que, ocorre uma aceitação dos bens referentes ao fato por parte da comunidade. Todavia, a aceitação e incorporação é algo que não ocorre de forma aleatória, é preciso que os elementos tragam sentidos e valores, mensagens históricas que são indispensáveis para a manutenção e vivências das tradições na memória coletiva. . Balandier nos confirma esse ponto:

Todos os traços, as inscrições e as obras os quais os lugares permanecem os suportes, tudo aquilo que é incorporado a este através da simbolização e do imaginário são também elementos necessário à manutenção e à diferenciação das memórias coletivas. (1999 ,p, 49)

É importante considerar que os habitantes mossoroense não aceitam tudo o que foi construído e continua sendo planejado e edificado de forma dada, mas os elementos que marca abolição, só são inseridos dentro das tradições locais, na medida em que, os mesmos permitem a preservação e rememoração de mensagens que marca o evento. Essas mensagens podem ser vistas dentro do espaço da cidade, nas ruas, praças, nos monumentos, nos diversos símbolos, nas manifestações e comemorações que transpassa uma imagética do evento e da cidade.

Ao mesmo tempo em que os valores e mensagens sobre o evento são absorvidos pela comunidade mossoronse, - pois é essa que identifica, classifica, qualifica e promove aceitação e repulsa dos instrumentos que fazem parte da história da cidade -, ocorre uma seleção da memória que escolhe o que deve ser lembrado e esquecido do passado; esse esforço de certa forma reativa e preserva as tradições a respeito da abolição no presente na memória dos habitantes.

Nesse caso a memória local é apropriada no sentido de construir uma identidade sobre a cidade e sua história. Podemos dessa maneira, entender

que o uso da memória e sua seleção não ocorrem apenas pela comunidade mossoroense, mas também pelo poder público que visa “Tornar-se senhores da memória e do esquecimento” [...] (LE GOFF, 2003, p. 422). Esses buscam dar ênfase e permanência a um discurso fantasioso sobre a abolição, na tentativa de reconstruir o passado e construir valores identitários no presente como bem enfatiza Costa:

O fato histórico, recortado, fantasiado e, portanto, representado, é tomado como um dos elementos em que os mossoroenses baseiam o caráter da cidade e sua própria identidade. [...] A identificação com o ideal libertário fomenta a representação de uma terra de sujeitos livres, em que não há desrespeito aos direitos aos direitos e onde se pode ser o que quiser (2009, p. 114)

Nota-se com isso, que a memória da comunidade é estabelecida a partir dos valores que são construídos e que permitem as vivências das tradições relacionadas à abolição, sendo estes de pioneirismo, vitória e bravura, se materializam no espaço da cidade aguçando a memória dos habitantes e tornando-se referências identitárias. A partir do que foi exposto, o que se deve tentar inferir é que os elementos abolicionistas tornam-se presentes formas estruturantes das lembranças, da memória e história da cidade, oferecidos aos próprios indivíduos para formar suas identidades relacionadas ao local onde vivem.

3. Patrimônio material e imaterial na abolição mossoroense

Em Mossoró, os sinais deixados ao longo do tempo para dar sentido ao evento abolicionista, devem ser observados como um patrimônio⁷ significativo que contribui para contar a história deste município. O acervo patrimonial abolicionista se divide em uma herança material e imaterial, que fornece para os habitantes da cidade o sentimento mais duradouro de pertencer a *Terra da*

⁷ Na utilização desse termo foi tomado como base o conceito que Choay propõem para definir o patrimônio histórico como sendo “ trabalhos e produtos de todas as os saberes [...] dos seres humanos”. Françoise, Choay “ **A alegoria do Patrimônio** ” . 3 ° Ed- São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2002. p. 11.

Liberdade e da Resistência. Percebe-se deste modo, que as lembranças históricas do passado mossoroense são organizadas a partir do patrimônio material, preservado dentro do espaço urbano da cidade.

Associado a uma ideia de herança, o patrimônio material abolicionista é incorporado no imaginário dos habitantes, ganhando com isso destaque de acordo com os valores estabelecidos sobre a história local. Em consonância, afirmamos que é através dos sinais do passado que o povo mossoroense alimenta no presente, as lembranças sobre mito e tradições referentes a abolição dos escravos. De certa forma Mossoró passa a ser vista como uma cidade histórica, através dos bens materiais que são edificados no passado e mantidos na atualidade. A dimensão material da cidade, suas edificações, praças, ruas, e símbolos são elementos que transmitem mensagens associadas ao passado, sendo fundamentais para que o indivíduo preserve as tradições.

Sobre as representações materiais que se faz presente dentro de espaço urbano da cidade referente à abolição, citamos aqui dois elementos táteis que ganham valor de importância histórica dentro do patrimônio da Cidade: o Monumento da Liberdade e o Pantheon dos Abolicionistas. Essas duas representações materiais da abolição podem ser visto como uns dos símbolos mais conhecidos pelos mossoroenses.

Em um olhar despercebido de um indivíduo que não faz parte dessa comunidade, talvez os elementos citados sejam observados apenas como objetos que compõem o cenário urbano da cidade, mas para os habitantes locais esses são pontos de sustentação da memória local, isto é, funcionam como atributos para a interpretação das vivências do passado deste povo, constituindo-se um patrimônio interpretativo ligado ao poder de perpetuação como bem escreve Jacques Le Goff.

[...] tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação ao poder de perpetuação, voluntária e involuntária das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. (2006, p. 526)

As mensagens transmitidas pelos bens materiais tonam-se importantes, elas revelam concepções e interpretações que caracterizam as representações da imagem da cidade e de seus antepassados. Além do patrimônio material que não se limita apenas aos dois monumentos já citados, este se expande sobre outras referências emblemáticas como ruas, praças, placas e símbolos no espaço urbano. Deve-se ressaltar também a importância do patrimônio imaterial⁸ na edificação de valores dentro da sociedade mossoroense, nesse sentido o patrimônio abolicionista ultrapassa as medidas das construções físicas, englobando também as manifestações que ganharam a cena no imaginário deste povo.

Os festejos para homenagear o dia histórico, onde se comemora a abolição dos cativos o dia 30 de Setembro torna-se parte dos bens imateriais do patrimônio dos mossoroenses a ser preservados. Isso pode ser ressaltado pelo envolvimento dos habitantes mossoroenses nas principais manifestações e festejos da cidade como as inaugurações de símbolos, os desfiles públicos que por anos contribuiu para formar a memória local.

Assim como os desfiles que ganharam o cotidiano das pessoas no percurso do tempo, as encenações teatrais em relação ao fato como novas formas de comemorar e encenar o acontecimento no presente também ganha evidência. Podemos atribuir o destaque para um dos eventos no presente que reconta o fato a partir de um espetáculo teatral [...] o Auto da Liberdade apresentado em Setembro, relembra os quatro principais momentos da história de Mossoró, com enfoque maior para o episódio de libertação dos escravos em 1883, cinco anos antes da assinatura da Lei Áurea.

Esse evento tem ganhado expansão dentro das vivências das pessoas e sendo a cada ano apropriado e recriado a partir das iniciativas públicas, fazendo parte com isso das diversas formas imateriais difundidas como forma de atingir o imaginário da sociedade mossoroense, além de contribuir para reforçar a história local, esse evento atrai investimentos para a cidade a qual promove sua imagem na mídia.

[...] os mantedores das tradições renovam e reatualizam as formas de preservação do acontecimento. [...] As comemorações ocorrem anualmente durante a última semana de setembro em Mossoró tornam-se a mais importante condição para se manter os costumes e a renovação das tradições referentes a abolição da escravidão. (BRAZ, 1999, p. 124)

Como pode ser visto acima, o patrimônio abolicionista está relacionado aos empenhos do poder público em criar e estabelecer na memória dos habitantes valores históricos sobre o episódio da abolição a partir não somente do visível, do material, mas principalmente, do imaterial. O resultado ao meio de tantas referências que marcam a abolição nos leva a uma contradição em relação ao patrimônio que marca o evento.

Quando se pensa em referências que dão suporte a memória dessa comunidade sobre abolição dos escravos, logo encontramos no espaço da cidade, elementos edificados para marcar a atuação e envolvimento de personagens considerados heróis, assim ocorre toda uma mistificação do fato.

Frente a isso encontramos nossa contradição que se resume da seguinte forma, em Mossoró não vemos um patrimônio representativo como bustos, monumentos, nem tão pouco espaços como ruas e praças nomeados com nomes de escravos, ou seja, não encontramos em Mossoró instrumentos concretos que marquem na memória das pessoas a participação dos cativos que também fizeram parte do movimento da abolição. Apesar disso as narrativas locais sobre esse fato, nos confirmam que houve após a concretização da abolição a intenção de homens públicos em referenciar uma única figura, de um liberto, o renome de um herói que representasse no presente os escravos, foi atribuída à figura de Rafael Mossoroense, sobre isso Braz nos mostra com mais detalhes:

Sendo assim, procurou-se construir um personagem, uma figura símbolo que conseguisse criar em sua volta ações que justificasse a participação mais efetiva dos mossoroenses na abolição da escravidão. Esta figura foi construída através de Rafael Mossoroense. Liberto em Mossoró em 30 de Setembro de 1883 [...] indicado pelos abolicionistas mossoroense [...] (1997, p. 61)

Como se ver acima o destaque não é dado plenamente à figura do escravo, mas a tentativa de criar um herói se liga aos interesses de figuras

consideradas pela história tradicional do município como sendo os verdadeiros heróis, e que sempre se preocuparão em repassar informações fantasiosas, na tentativa de construir, uma identidade entorno do passado mossoroense, o resultado disso foi que os bens materiais e imateriais representativos dos escravos mossoroenses, foram relegados ao silêncio e esquecimento. E assim a história da abolição vai sendo ensinada as gerações a partir de um passado uniforme e elitista, excluindo dessa maneira a participação de vários sujeitos como forma de controlar o passado e domina o presente, isso se confirma no estudo de Mac Ferro quando afirma que:

Controlar o passado ajuda a dominar o presente e a legitimar tanto as dominações como as rebeldias. Ora, são os poderes dominantes Estados, Igrejas, partidos políticos ou interesses privados que possuem ou financiam livros didáticos ou histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão. Cada vez mais eles entregam a cada um e a todos um passado uniforme. E surge a revolta entre aqueles cuja história é “proibida” (1983, p.11).

Essa questão nos leva a refletir que as ruas, as praças, as manifestações e eventos, os monumentos e outros logradouros, patrimônio material e imaterial do povo mossoroense referente à abolição, são formas que garante a difusão no presente de um discurso baseado nos valores de vitória, coragem e pioneirismo de uma elite conservadora, essas mensagens estabelecidas como verdades permitem a incorporação de valores identitários que são difundidos na própria comunidade como forma de lembrar o passado e reviver as tradições.

[...] os elementos mais identificados como patrimônio pela população são bens culturais apropriados, seja por comporem a paisagem urbana há bastante tempo, seja por se relacionarem a eventos típicos da cidade, ou ainda por constituírem em fatos históricos que compõem a memória individual ou coletiva [...] (COSTA, 2009, p. 107)

Feitas essas considerações, conclui-se que o patrimônio material e imaterial alusivo a abolição dos escravos, tornam-se criações selecionadas de acordo com as ações e interesses do poder público a rememoração do fato no

imaginário dos mossoroense, ao mesmo tempo devemos ter em mente que esse patrimônio torna-se um testemunho importante que permite a comunidade preservar sua história e criar uma identidade local.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (org.) O Saber histórico na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. (02-07-2010)

BRAZ, Emanuel Pereira. **A Abolição da Escravatura em Mossoró: pioneirismo ou manipulação do fato.** 1º ed – Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: O imaginário da República no Brasil.** 1990. SP. Companhia das letras.

CHOAY, Françoise, 1925 – **A alegoria do patrimônio / Françoise Choay :** Tradução de LucianoVieira Machado. Ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

COSTA, Andréa Virgínia Freire. **Lugares do Passado ou Espaço do Presente?** memória, identidade e valores na representação social do patrimônio edificado em Mossoró-RN/ Andréa Virgínia Freire Costa. – Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2009.

FERRO, Marc, 1924 – **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação/ Marc Ferro; tradução de Wladimir Araújo.** São Paulo: IBRASA, 1983.

LE GOFF, Jacques, 1924 – *História e memória / Jacques Le Goff; Tradução Bernardo Leitão...* [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP: editora da UNICAMP, 2008.

MENEZES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultura -** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NONATO, Raimundo. **O Movimento Abolicionista de Mossoró e Sua Repercussão Internacional.** Coleção o Mossoroense, Série B, N° 562. 2ª ed. 1988.

_____. **Ruas, Caminhos da Saudade.** Coleção Mossoroense – volume23 – 1973.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **Museu, ensino de história e sociedade de consumo.** In: Trajetos. Revista de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. – v.1, n.1(Nov.2001). – Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2001. (09-07-2010)

SOARES, André Luis Ramos. **De Heróis a Bandidos**: Educação Patrimônio e ensino de História ou como manipulamos o passado na construção do presente. In: